

**O entorno vário e fragmentado em *K.* – *Relato de uma busca*, de
Bernardo Kucinski
The plural and fragmented world in Bernardo Kucinski's K. – *Relato
de uma busca***

Paulo Roberto Barreto Caetano
Centro Federal Tecnológico de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil
paulorcaetano@yahoo.com.br

*O cronista que narra os acontecimentos, sem
distinguir entre os grandes e os pequenos, leva
em conta a verdade de que nada do que um
dia aconteceu pode ser considerado perdido
para a história.*

Walter Benjamin, *Sobre o conceito de história.*

[...] mas *K.* resistia.

Franz Kafka, *O processo.*

Resumo: O presente ensaio tem como objetivo discutir a multiplicidade de vozes e gêneros textuais presentes no romance de Bernardo Kucinski. Para tal, esta leitura se vale da noção de cronista que Walter Benjamin traz, ou seja, de que tal figura não desconsidera os acontecimentos: estes, grandes ou pequenos, entrariam na fatura narrada. De modo análogo, a leitura aqui empreendida considera que o protagonista de *K. – relato de uma busca* usa de expediente semelhante ao atentar para as mais diversas narrativas (acerca do desaparecimento da filha) que lhe chegam, o que o permite engendrar uma narrativa mais holística frente a um contexto propositalmente lacunar, fragmentado.

Palavras-chave: multiplicidade; fragmentação; narrador.

Abstract: This essay aims to discuss the multiplicity of voices and textual genres present in the novel written by Bernardo Kucinski. To this end, this reading is worth the notion of chronicler that Walter Benjamin brings, meaning that this chronicler does not disconsider any events; it can be huge or little, and it will be part of the

narrated story. Similarly, the reading undertaken here understands that the protagonist of *K. – relato de uma busca* uses a similar device to attend to the most diverse narratives (about her daughter's disappearance) that they tell (lie to) him, which allows engendering a narrative more holistic facing a purposely incomplete and fragmented context,.

Keywords: multiplicity; fragmentation; narrator.

1 Introdução

K. – Relato de uma busca, de Bernardo Kucinski, tem seu mérito não apenas por lidar com um momento terrível da história brasileira, mas também pelo modo como é construído. Sua estrutura de capítulos dotados de diferentes vozes, e ainda de gêneros textuais diversos aponta para uma fragmentação do real, o qual busca ser apreendido por discursos distintos. Assim, carta, diálogo, relato, por exemplo, são alguns dos gêneros que constituem a fatura desse texto em devir, que o narrador constrói devido ao desaparecimento de Ana Kucinski, professora de química da USP, na década de 1970.

Posto isso, este ensaio discutirá alguns desses recursos presentes no livro que apontariam para a sugestão de um real fragmentado, para a sugestão de um episódio ocorrido, que o leitor, a partir de diferentes vozes, pode reconstruir. E para tal perceberá que muitas são as maneiras de (não) contar. Afinal, como parece sugerir *K. – relato de uma busca*, quando a falta de testemunho e o relato histórico falham (ou são impossibilitados de existir), a imaginação intervém, comple(men)ta, expande, projeta o ocorrido, em face do desconhecido, do suprimido, tendo como partida práticas discursivas várias.

2 Real: fragmentado, formado por diferentes visões

Saga de um pai à procura da filha, *K. – Relato de uma busca* é um texto cujos capítulos são como peças de um vaso a ser reconstruído, de modo análogo à associação feita por Davi Arrigucci Jr. (1987) acerca da função metonímica da memória. O protagonista é como o paleontólogo que a partir de um caco (de informação) precisa reconstruir um vaso, um todo – o qual lhe é pragmática e cinicamente suprimido.

O texto é aberto com o pungente relato das cartas que chegam à “destinatária inexistente” (2014, p. 9). Impacta o enunciador correspondências que chegam para a filha há três décadas: bancos oferecem cartões de crédito. Como que por ironia do destino, como se este existisse, o alcance privilegiado do cartão chega a terras

estrangeiras (como a propaganda do cartão alega), fazendo uma desafortunada oposição a um dos direitos subtraídos da personagem *desaparecida*: o de ir e vir. “O carteiro nunca saberá que a destinatária não existe, que foi sequestrada, torturada e assassinada pela ditadura militar” (2014, p. 9). O desconhecimento não se restringe ao carteiro, estende-se ao separador das cartas, ao banco remetente, e, por projeção, a todo um Estado desmemoriado. Tal ignorância, expõe o enunciador, é um “mal de Alzheimer” nacional. Ou seja, o texto de Bernardo Kucinski é aberto com essa dívida que instituições do Estado têm para com (familiares de) vítimas.

Já no segundo capítulo ocorre a menção à chamada engenharia do sumiço. Informado de que haveria numa igreja católica um encontro de familiares de desaparecidos, K. depara-se com essa constante: desaparecimentos – sem vestígios. Ouvindo os diversos relatos nessa reunião, constata que “Era como se volatilizassem” (2014, p. 23). Não era apenas sua filha que sumira. Havia uma série enorme de pessoas que “foram desaparecidas” (2014, p. 22). Essa constatação faz parte do início do processo por que passa o protagonista. Com tal compreensão, dá-se a busca direcionada. Afinal, a locução “foram desaparecidas” denota um sujeito provocador, algum agente. Achar os autores do desaparecimento é um dos objetivos do pai de Ana Rosa Kucinski.

A falta da filha e a reunião de que participa provocam comparações de caráter histórico nas reflexões de K: os judeus mortos pelos nazistas nos campos de concentração tinham seus nomes registrados¹ em livros. Se de um lado havia isso e os frios números tatuados em um de seus braços, de outro lado (no Brasil) pairava a dúvida da *abdução*, a indefinição quanto ao agente: “Não havia a agonia da incerteza [no contexto nazista]; eram execuções em massa, não era um sumidouro de pessoas” (2014, p. 23). O sumiço no contexto brasileiro é, portanto, parte contundente da narrativa e do processo por que passa o protagonista.

Tal “logística” pode ser vista ainda no capítulo sobre o genro. Profissional de computadores, apaixonado pelos livros, idealista, o marido da filha de K. parecia vislumbrar, segundo o narrador, o desaparecimento por que (seu corpo) passaria. Esse socialista revolucionário sabia da tensa relação que existe entre arquivos e história, como se soubesse da importância desses para criar uma determinada narração. Sem os arquivos, sem os vestígios de seu corpo, seu desaparecimento se torna mais complexo. Como explicá-lo? A quem atribuí-lo? O narrador cogita sobre a falta: “Talvez soubesse, isso sim, e desde sempre, que os livros seriam os únicos vestígios de sua vocação revolucionária, pequenas lápides de um túmulo até hoje inexistente” (2014, p. 54). Essa questão da ausência de túmulo é importante na narrativa – e retornará relacionada à filha.

O sumidouro sistemático ainda é mencionado por um dos personagens: Jacobo. O pai buscara ajuda em diversos países (Suíça, Inglaterra, Estados Unidos),

¹ O narrador faz ressalva, dizendo que houve chacinas (e que por isso nem sempre houve o registro). É importante expor também que parece não haver hierarquização entre os episódios; o que o enunciador destaca é a ausência de registros no contexto brasileiro.

nos quais tentava o auxílio de instituições humanitárias, como a Cruz Vermelha. Já de volta a São Paulo, é contatado por Jacobo, personagem que tentaria ajudar na busca. Ele diz que K. estava lidando com um “mecanismo muito especial de fazer as pessoas desaparecerem sem deixar nenhum vestígio.” (2014, p. 60). Para desânimo do protagonista, pouco depois ele fica sabendo por outrem que o tal Jacobo havia sumido. A falta de notícias sobre o mesmo corroborava a hipótese da engenharia do sumiço.

Renato Lessa, no posfácio “A experiência de K.”, coloca que os textos que tratam dos regimes tirânicos podem fazê-lo de várias maneiras, mas duas ele destaca: a narração das torturas, das (quase) mortes, perseguições, e outra, “menos óbvia, é a de lidar com a dimensão complementar da perda”. (LESSA *apud* KUCINSKI, 2014, p. 186). Ou seja, os personagens de tal circunstância seriam marcados pela perda e/ou abalo dos sentidos da experiência humana, seriam “vinculados indelevelmente a um vazio”. (2014, p. 186-7). O referido pai então se encontra não só desprovido de informações, mas num contexto de desestabilização e vacuidade do sentido da vida.

Ao mergulhar na busca pela filha, K. começa a perceber uma estrutura que se articula para manutenção de uma “ordem”. Pseudo-colegas, trabalhadores, vizinhos, vários são os que atuam como informantes. Esses espiões escondidos, dos quais o narrador tem notícia desde sua imigração para o Brasil em 1935², estariam atuando no Brasil desde o governo Vargas. Ao tentar ajuda junto a eles (sem, obviamente, ainda saber que eram informantes), o protagonista, sagaz, começa a perceber um sistema cujo intuito era distrair quem busca o desaparecido. Falsas pistas (como um pacote forjando a caligrafia da filha) tentam dispersar o pai que busca, engendrando narrativas diversas (daquelas que o protagonista começava a montar): ela estaria em Portugal, envolvida com a Revolução dos Cravos; fugira para Buenos Aires com um amante... (KUCINSKI, 2014, p. 35, 37). A falta de pistas efetivas e seu sumiço inexplicável começam a construir a impossibilidade de o pai testemunhar algo, ou seja, de presenciar (ou mesmo ter notícia de) um evento relacionado à filha (seja prisão, morte ou extração vil análoga).

Isso se torna evidente no aguardado anúncio, sobre os desaparecidos, feito pelo então ministro da justiça, Armando Falcão. Para o protagonista, o momento é de espera e suspensão, comparável a um eclipse. Contudo, o que é dado à população é desorientação. Pessoas que, por exemplo, estavam soltas foram anunciadas como desaparecidas. E somado a isso, vem a informação de que o casal em questão, a filha de K. e o respectivo marido, não constavam nos registros dos “órgãos do governo” (2014, p. 67). Não bastava limpar os rastros, foi preciso anunciar a suposta ausência dos mesmos.

² O narrador expõe que o pai havia fugido da polícia polaca devido à perseguição aos judeus.

3 O projeto de escrita

Um dos recursos linguísticos de que o romance de Kucinski se vale é a rememoração, por meio da qual o narrador, por exemplo, presentifica o momento em que Ana, a filha caçula, recebe os primeiros óculos. O capítulo, cheio de ternura, traz um narrador como que íntimo, a observar cenas da família: o pai que superestima a beleza da filha (mesmo com generosas lentes), a mãe ao criticar a escolha dos óculos (não gratuitamente, mas desgastada com todo um histórico¹ de dissabores que podem fazer um ser humano se tornar menos otimista).

No rememorar do capítulo “Os primeiros óculos”, a propósito, pode-se ver que há uma trágica coincidência de perseguição: a filha *fora desaparecida* em São Paulo; o pai judeu fugira da terra natal polonesa para o Brasil; a mãe tivera a família dizimada em Wloclawek, em decorrência da invasão alemã na Polônia. Recorrentes perseguições políticas atravessam esses personagens.

No capítulo “O matrimônio clandestino”, pode-se ver mais sobre o envolvimento político da família de K. Numa reunião em que familiares de desaparecidos trocavam informações, uma moça se apresentou como cunhada da filha do protagonista. Com isso, este descobre outro mundo que lhe era estranho (além daquele da engenharia do sumiço): das pessoas relativas ao seu genro. Triste, considera-se pai ausente, envolvido com encontros literários, em vez de conviver com a filha, envolta em contatos vários. Tal falta impacta o personagem. Ela é mote para se sentir culpado da subtração em que se encontra. Atormentado, desloca o motivo para si, como se tivesse culpa. Não testemunhara o casamento, nem o destino da filha.

Mesmo em meio a esse remorso, faz consistente conjectura: o casamento oficial tinha a cautela como um dos fins: conseguir documentos de cônjuges para se hospedarem em hotéis, para viajar, caso fosse preciso, devido à perseguição. Tal dedução vem não só da perspicácia do personagem, mas também de sua experiência como ativista na Polônia. (2014, p. 44).

O projeto literário do romance parece sugerir que o real é da ordem do múltiplo, como ele se fizesse existir a partir de diferentes visões. Ou seja, o que se entende (para alguns) por “a” realidade, pelos eventos diz respeito a instâncias passíveis de perspectivação; seriam circunstâncias passíveis de serem transformadas em narração. Para tal, o ponto de vista é fundamental. Nesse sentido, o entrecruzar de vozes do romance parece se relacionar com tal ideia, isto é, a história não se constituiria apenas da versão oficial (que diria, por exemplo, que Ana Kucinski fugiu para Argentina). A história se formaria também por meio de vozes outras, muitas vezes esquecidas ou silenciadas.

Nesse sentido, a coexistência de diferentes vozes no texto permite pensar nessa multiplicidade do real. O suposto todo que forma o real, do qual cada indivíduo poderia somente fazer leituras, é fragmentado por meio da perspectiva e ciência de cada personagem. E o leitor soma esses cacos para dar uma forma (ainda que parcial, construída) aos episódios.

Um dos méritos do romance de Bernardo Kucinski diz respeito à voz que carrascos do Estado e seus subordinados (estes, os quais, conheciam a situação) recebem. Assim, à procura de K. somam-se as vozes que emergem no plano narrativo, compondo um cenário vário. Isso pode ser visto em alguns capítulos do texto. Um deles é sobre a cachorra Baleia. Em tal parte, tem-se um subordinado relatando seu incômodo para com o animal, o qual estava triste e chorava toda noite por saudade dos donos. Enquanto o funcionário desejava dar um fim ao bicho, o chefe reprimia tal vontade – o que permite ver uma curiosa moral:

[...] quando falei em sacrificar a cadela, levei o maior esporro, me chamou de desumano, de covarde [...] quase falei pra ele: e quem mata esses estudantes coitados [...] e ainda esquarteja, some com os pedaços, não deixa nada, é o que? Ainda bem que não falei (KUCINSKI, 2014, p. 65).

A preocupação moral se mostra curiosa no especismo que se apresenta: a cachorra (cujo nome faz uma direta referência à humanizada cadela de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos) mereceria compadecimento – diferentemente dos seres humanos ativistas. Essa curiosa moral fomenta o personagem a comentar sobre o modo como os assassinatos eram feitos: marcados pela ausência de vestígios. O funcionário diz que foi “do jeito que o chefe gosta, sem deixar rastro, sem testemunha, nem nada, serviço limpo” e acrescenta: “pegamos os dois no beco, de surpresa [...] quando os dois se deram conta, já estavam dentro do carro e de saco na cabeça” (2014, p. 63).

O foco narrativo é alterado também no ótimo capítulo “A abertura”, no qual quem fala é Sérgio Fleury (por meio de um exercício de projeção, recurso recorrente no livro). No capítulo, o delegado do DOPS de São Paulo dialoga com Mineirinho – personagem secundário, ouvinte das práticas cruéis do matador. Entre elas estão as narrativas maldosamente forjadas: diziam a K., sob mando de Fleury, que a filha estava viva nos EUA, ou, louca, internada no hospital psiquiátrico Juqueri. Várias foram as histórias inventadas a fim de distrair ou dissuadir o protagonista. Uma das mais perversas seria a que o corpo da professora havia sido encontrado. O criador da notícia gaba-se da formulação:

[...] podemos dar a mesma canseira, desmoralizar os porras [pessoas buscando parentes desaparecidos] do mesmo jeito e até pior, espelhando que os corpos estão enterrados cada vez em outro lugar. Procurar para salvar alguém que ainda pode estar vivo é uma coisa, mas procurar um corpo só para enterrar é diferente. Fala a verdade, Mineirinho, eu sou demais de bom. Nem o Falcão teve essa ideia (KUCINSKI, 2014, p. 75).

Vendo, posteriormente, que as fabulações não venciam a obstinação do pai, vendo ainda que instituições humanitárias de diversos lugares pressionavam pela liberação de arquivos e pessoas, Fleury se sente relativamente apertado. E menciona sua “eficiência” ao colega Mineirinho:

Mesmo que eles estivessem vivos, como é que ia entregar depois de tudo que aconteceu? Não é para acabar com as provas? Pois nós acabamos. Muito antes deles mandarem. Fala a verdade, Mineirinho, perto de mim esses gringos não são nada, tudo amador (KUCINSKI, 2014, p. 76).

Nesse momento da narrativa, o leitor tem a acesso à informação trágica (diferentemente do pai, que “apenas” a cogita). Ou seja, a engenharia do sumiço não se restringia ao desaparecimento de pessoas, mas passava também pelos arquivos, pelos vestígios relativos às mesmas. Essas faltas, essas mentiras largadas ao pai, apesar de infundadas, passam a ser matéria de seu julgamento – não por ingenuidade ou erro, mas por percepção de que se tratava de engodo.

Por meio disso que lhe é deixado, ele, o protagonista, como num contraponto, constrói uma história diferente da que conta o personagem Fleury, de modo análogo à epígrafe de Benjamin deste ensaio, em que as escorraças servem ao cronista, em que tudo é considerado (em vez de abafado). Não se diz aqui que o narrador em pauta atua estritamente como o cronista mencionado pelo filósofo alemão, mas coloca-se que K. não desconsidera os discursos que lhe chegam, usando deles (mesmos os ardilosamente mentirosos) para urdir sua leitura do desaparecimento. Ambos então se valem desses restos. O cronista engendra uma história a partir do lixo da história oficial; o pai, por sua vez, percebe a mentira e urde leitura do sumiço. As escorralhas servem a ambos.

Mentiras, lacunas, como essas é que deixam K. na incerteza angustiante do capítulo “A Matzeivá”. Neste, o pai, espécie de Antígona, procura dar ao ente querido um enterro digno, mas encontra obstáculos institucionais. O primeiro, citado, é o Estado repressor que mata e some com indivíduos; o segundo é a religião. O termo que dá nome ao capítulo se refere à lápide que judeus colocam no túmulo depois de um ano de morte – procedimento negado a K. por um rabino, o qual deixa transparecer seu posicionamento, ao chamar a professora de terrorista e comunista. Em situação semelhante se encontra o genro da desaparecida. Afinal, o marido dela também foi desaparecido. Por causa disso, seu pai verbaliza: “[...] não é certo, os filhos é que deveriam enterrar os pais e não os pais enterrarem os filhos, pior que nem isso, nem enterrar podemos” (2014, p. 87).

A falta parece ser marca desse pai cuja memória acerca da filha estava prejudicada pela ausência da lápide, e ainda pela ausência de um álbum de fotografias. Depois de desaparecida, procurando algo que pudesse ajudar na busca, K. acha então nos pertences da filha algumas fotos. Nelas, vê uma distância que os separa; desconhece experiências e lugares relativos a ela; indaga onde e como a

filha montara num cavalo. (2014, p. 114). Falta-lhe conhecimento a respeito dela; falta-lhe informação do *sumiço*.

Em certa ocasião, mostrou fotos dela a um médico que observara sessões de tortura. O clínico titubeou diante de uma imagem, mas manteve o protagonista no escuro. K. continuaria sendo atravessado (e esmagado) pela falta de informação. Quem teria testemunhado o crime não falava; quem o teria cometido sumira com os “arquivos”. Imerso num cenário de informações inexistentes, fragmentadas e/ou contraditórias, cabe a esse pai especular o que ocorrera. O leitor, diferentemente, pode montar uma narrativa mais completa, devido às diferentes vozes que emergem no romance, às quais K., obviamente, não tem acesso.

Uma das partes desconhecidas pelo pai diz respeito ao que viveu a personagem Jesuína, faxineira de Fleury no romance. Por meio do relato dela, é possível vislumbrar o impactante sumidouro de corpos. No capítulo “A terapia”, a funcionária relata o encarceramento, assassinato e ocultação de cadáveres, feitos numa isolada casa em Petrópolis. Nesse forte capítulo, a faxineira conta que certa vez pôde ver, por um pequeno buraco, partes de corpos pendurados em ganchos, como num açougue. Os responsáveis por *lidar* com os corpos seriam dois PMs chamados de mineiros – quiçá um deles é o interlocutor de Fleury no capítulo “A abertura”. Traumatizada, a faxineira conta parte da “engenharia” do *sumiço*. Essa “limpeza” de corpos-arquivos é base para o lugar de falta em que se encontra o pai.

É Jesuína ainda que dá ao leitor uma pista que seria fundamental para K.: certa vez, na prisão dessa casa, ela teve contato com uma moça chamada Ana, de sobrenome complicado (2014, p. 114), a qual teria cometido suicídio, por saber o que lhe aguardava...

São, pois, diversas as vozes que compõem o livro de Kucinski. Paulo Bezerra, a partir de Bakhtin, afirma que a figura do autor seria como um regente do coro de vozes que “participam do processo dialógico” (BEZERRA, 2007, p. 194). Para o filósofo russo, tais vozes, de certo modo, emanciparam-se. Isso porque os personagens deixariam de ser coisas para se tornarem individualidades; são “sujeitos-consciência” (...) independentes e imiscíveis (...) representantes de um determinado universo e marcadas pelas particularidades desse universo” (2007, p. 194 – 5). Desse modo, a polifonia seria essa multiplicidade de vozes conscientes e imiscíveis (mas que permitem serem juntadas na concepção de uma versão mais holística, como o protagonista procura fazer).

Em *K. – relato de uma busca*, o leitor se depara com um rol de personagens relacionados entre si pelo contexto político, mas que apresentam posicionamentos distintos, sendo que, por vezes, não se encontram diretamente, como é o caso, por exemplo, de K. e de Fleury. Contudo, as ações de ambos se atravessam, pois elas acabam por impactar um ao outro. Eles seriam exemplos paradigmáticos dessa ideia

de individualidade que representa um universo (desejos, anseios particulares). Ou seja, ali o leitor pode ver um microcosmo em que ideias e ações estão em confronto.

O caráter múltiplo do texto ainda pode ser visto nos gêneros textuais que o forma. Entre eles estão, por exemplo, a carta, a entrevista, as passagens biográficas, o inventário. Deste, merece nota o capítulo “O livro da vida militar”, no qual um general destituído do exército comenta friamente sobre seus pares da época, sobre o “ethos militar”, como se “estivesse classificando uma coleção de aracnídeos”. (KUCINSKI, 2014, p. 138, 142). As negociatas que visam à promoção, as inócuas oposições ao golpe, a estrutura perversa e muitas vezes despreparada para lidar com o povo são alguns dos tópicos desse capítulo. Mas o mérito deste não se restringe à pertinência verossímil de seu conteúdo. Sua estrutura topicalizada aponta para dois fatores: a) a organização metódica do enunciador ao discorrer sobre os “itens” do almanaque; b) a consonância entre o gênero inventário e os sucintos enunciados urdidos na página do romance, provocando uma sensação de espelhamento entre conteúdo e forma. A concisão do general e a topicalização do capítulo produzem um efeito notável no texto, ampliando seu mérito para além das incursões históricas. Assim, o gênero dialogaria com a circunstância de enunciação; seu conteúdo e função acabariam urgindo mais do que a forma. Contudo, esta é importante ao pensar na concisão do interlocutor – característica aparentemente herdada (pelo personagem) de sua instituição de origem, ainda que expulso da mesma. Por fim, o general cita massacres como os de Canudos e os do Araguaia, no qual crianças tiveram corpos desmembrados para “fazê-los ‘desaparecidos’ (...) [em conformidade com a lógica da] supressão das provas” (2014, p 142).

Outro gênero que compõe a trama de Bernardo Kucinski é a ata de reunião. Esta, no caso, diz respeito ao encontro de professores do Instituto de Química da USP (do qual Ana Kucinski era professora), circunstância em que votaram pelo abandono de cargo (como se isso houvesse ocorrido, e, não, o sequestro). Tal reunião veio a se configurar como um acinte à professora Kucinski, tendo em vista não só a votação, como também a ausência de desculpas *a posteriori*³ por parte dos presentes (LESSA apud KUCINSKI, 2014, p. 183).

³ Recentemente (em 17 /04 /2014), a instituição pediu desculpas, como é noticiado no site: “Em reunião realizada no dia 17 de abril, a Congregação do Instituto de Química (IQ) da USP aprovou a anulação da decisão do órgão, datada do dia 23 de outubro de 1975, na qual a professora Ana Rosa Kucinski, desaparecida política e vítima da ditadura militar, foi demitida da Universidade sob a justificativa de abandono de emprego. O diretor do IQ, Luiz Henrique Catalani, recebeu o irmão de Ana, o também professor da USP, Bernardo Kucinski, para expressar oficialmente o pedido de desculpas do instituto à família.

Esse capítulo, “A reunião da congregação”, traz explicitamente um recurso valioso do romance: a especulação narrativa. Intercambiando suposição de pensamentos com trechos da ata, o capítulo constrói habilmente os diferentes climas que ali pairavam: tensão, indiferença, preocupação, consternação. Nesse momento da narrativa, episódios históricos⁴ e ficção se entrelaçam de modo habilidoso. A primeira instância se faz presente, por exemplo, com a reunião que de fato ocorreu no instituto (2014, p. 183); a ficção, por sua vez, dá-se com o exercício especulativo que o narrador faz acerca dos pensamentos dos docentes:

Este relato foi imaginado a partir da ata da reunião, transcrita nos trechos citados a seguir (...).

Preside a reunião o diretor do instituto, professor Ernesto Giesbrecht (...) [o qual] já morreu. Não sabemos o que se passou pela sua cabeça na reunião, podemos apenas imaginar.

Vai ser uma reunião penosa, espero que passe rápido. (...) Ainda bem que a votação é secreta. (KUCINSKI, 2014, p. 152)

Nesse toada segue o capítulo, trazendo projeções dos pensamentos dos membros da congregação, os quais em uns se mostram atônitos com o absurdo da situação, e em outros se vê um pensamento eufemisticamente chamado de “estrategista”, focado mais no instituto do que na figura desaparecida.

Vê-se aí mais um recurso do narrador para lidar com a falta, a impossibilidade de testemunhar. Isto é, não tendo assistido à reunião da época, sendo impossível saber os pensamentos dos presentes, cabe a ele conjecturar o que ali se passou, com base, por exemplo, em um documento oficial – a ata. Seja declarada ou subentendida, a especulação reforça a perspectiva trabalhada neste ensaio, de um testemunho a partir do não visto (mas nem por isso infundado).

4 Conclusão

São diversas, pois, as vozes que constituem o livro de Kucinski. Tal diversidade pode funcionar como um leque para o leitor conceber um todo, uma versão do desaparecimento de Ana Rosa Kucinski. Usando dessas vozes, em diferentes circunstâncias, entrando em contato com diferentes gêneros textuais, o leitor pode ter sua atenção chamada para âmbitos bem particulares de um meio

Também estiveram presentes à reunião os membros da Comissão da Verdade da USP, professores Walter Colli e Janice Theodoro da Silva. A comissão havia encaminhado ao instituto pedido da reversão da demissão, o que já havia sido efetivado pela Reitoria em 1995.

No próximo dia 22 de abril, data que marca os 40 anos de desaparecimento de Ana, o IQ inaugurará um memorial com uma escultura em homenagem à professora. A cerimônia será realizada às 15 horas, na Av. Prof. Lineu Prestes, 748, na Cidade Universitária, em São Paulo.”

Disponível em: <http://www.usp.br/agen/?p=174558>. Acesso em: 16/06/2015.

⁴ Deve-se considerar que o discurso histórico, como tal, é dotado de ficcionalidade.

social (como sugere o capítulo “O livro da vida militar”). Assim, Bernardo Kucinski faz um livro que busca não “somente” ficcionalizar um terrível episódio, mas faz também uma sutil sondagem sobre a (sempre) fragmentada apreensão dos episódios que formam a experiência humana.

Referências

ARRIGUCCI JR., Davi. Móbile da memória. In: *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. Volume 1. 7 ed. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: contexto, 2007.

LESSA, Renato. A experiência de K. In: KUCINSKI, Bernardo. *K. – Relato de uma busca*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KUCINSKI, Bernardo. *K. – Relato de uma busca*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Recebido em 10/03/2016

Aprovado em 12/04/2016
